

**Pesquisa Instituto Patrícia Galvão – IBOPE, em parceria com o UNIFEM
ATITUDES FRENTE AO CRESCIMENTO DA AIDS NO BRASIL**

Aumento da AIDS em mulheres está entre as maiores preocupações

Acaba de ser concluída pesquisa inédita sobre mulheres e AIDS encomendada pelo Instituto Patrícia Galvão ao Ibope, em parceria com o UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher). Realizada entre 29 de outubro e 2 de novembro de 2003, a pesquisa trabalhou com uma mostra representativa da população adulta brasileira. Foram realizadas 2.000 entrevistas pessoais em todos os estados brasileiros, capitais e regiões metropolitanas. Cidades menores foram selecionadas probabilisticamente, dentro da proporcionalidade por tamanho de município. A margem de erro máximo, para o total da amostra, é de 2,2 pontos percentuais para mais ou para menos. O intervalo de confiança estimado é de 95%.

A questão da AIDS ocupa, na visão dos brasileiros, o quarto lugar como preocupação em uma lista de problemas da agenda do movimento de mulheres. Das 2.000 pessoas entrevistadas, 29% apontam a AIDS como um dos problemas que mais preocupam e 19% ainda apontam “o problema do crescimento da AIDS entre mulheres”.

Na percepção dos entrevistados há questões mais preocupantes do que a AIDS, como o câncer de útero e mama, mencionado por 48%, e o problema da violência doméstica, que é destacado por 46%. Estes dois temas, que estão em evidência entre as preocupações atuais dos pesquisados, têm estado presentes na mídia de forma contínua, tanto através do noticiário e de campanhas publicitárias, como em tramas de novelas com grande audiência na televisão.

É possível que a questão da AIDS esteja sendo percebida pela população como um problema melhor equacionado, devido à política de distribuição gratuita de medicamentos. Isto significa dizer que a AIDS deve estar sendo percebida como uma doença que tem tratamento e não mais como uma doença que mata, como no início da epidemia, embora o Brasil tenha registrado em 2001 mais de 8 mil mortes em consequência da AIDS. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que a comunicação do

tema, através de campanhas em veículos de massa, tem sido esporádica e pouco sustentada, ficando restrita principalmente ao período do Carnaval.

Pergunta: *Aqui estão alguns assuntos que as mulheres têm, nos últimos tempos, discutido bastante. Na sua opinião – pelo que sabe ou ouve falar – qual destes temas mais preocupa a mulher brasileira atualmente? (estimulada – até três opções)*

	(1° + 2° + 3°) ^o
Base	(2.000)
	%
DOENÇAS COMO CÂNCER DE MAMA OU DE ÚTERO	48
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM CASA	46
VIOLÊNCIA / ASSÉDIO SEXUAL FORA DE CASA	31
PROBLEMA DA AIDS	29
IGUALDADE DE SALÁRIOS ENTRE HOMENS E MULHERES	24
DEIXAR FILHOS PARA TRABALHAR FORA	20
CRESCIMENTO DA AIDS ENTRE MULHERES	19
TER UMA PROFISSÃO DA QUAL GOSTE	12
FORMAS DE EVITAR FILHOS	12
MENORES DE RUA	11
PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA POLÍTICA	9
LEGALIZAÇÃO DO ABORTO	8
DIVIDIR TAREFAS DOMÉSTICAS	5
DIREITO DO CONSUMIDOR	4

Fonte: Instituto Patrícia Galvão – IBOPE, 2003.

Câncer, violência e AIDS são as preocupações mais citadas

Quando isolamos a **preocupação citada em primeiro lugar** – portanto, aquela que é mais importante para o entrevistado – percebemos três blocos de problemas, mencionados tanto por homens como por mulheres: câncer, violência e AIDS. Somando-se duas das preocupações apontadas – o problema da AIDS (12%) e sua disseminação entre as mulheres (6%) – observa-se que 18% declararam o problema da AIDS como preocupação principal. Isto aproxima o tema da AIDS em importância com as outras duas questões: violência contra a mulher (24%) e câncer da mama e de útero (20%).

Nesta perspectiva é possível verificar que a questão específica do crescimento da AIDS entre as mulheres é menos central na percepção dos entrevistados – não faz parte das suas maiores preocupações – apesar de existirem informações de que a disseminação da doença entre mulheres vem se agravando nos últimos anos.

A taxa de preocupação com o crescimento de AIDS entre as mulheres – 7% – é homogênea ao longo da amostra. Não há diferença significativa de percepção entre homens e mulheres.

Quanto à preocupação genérica com a AIDS (12%), ela tende a subir entre a população de menor escolaridade e renda, indicando que este segmento deveria ser alvo preferencial de comunicação específica.

Pergunta: *Aqui estão alguns assuntos que as mulheres têm, nos últimos tempos, discutido bastante. Na sua opinião – pelo que sabe ou ouve falar – qual destes temas mais preocupa a mulher brasileira atualmente? (1º lugar)*

	TOTAL 1º lugar	SEXO	
		Mulheres	Homens
Base	(2.000)	(1.039)	(961)
	%	%	%
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	24	23	26
Violência em casa	16	16	17
Violência / assédio fora de casa	8	7	9
DOENÇAS COMO CÂNCER DE MAMA OU ÚTERO	20	24	17
AIDS	18	17	19
Problema da AIDS	12	10	13
Crescimento da AIDS entre as mulheres	6	7	6
IGUALDADE DE SALÁRIOS ENTRE HOMENS E MULHERES	9	8	11
DEIXAR FILHOS PARA TRABALHAR FORA	6	7	5
TER UMA PROFISSÃO DA QUAL GOSTE	5	5	4
FORMAS DE EVITAR FILHOS	5	5	5
MENORES DE RUA	3	4	3
LEGALIZAÇÃO DO ABORTO	2	2	1
PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA POLÍTICA	2	1	4
DIVIDIR TAREFAS DOMÉSTICAS	1	0	1
DIREITO DO CONSUMIDOR	1	0	1

Fonte: Instituto Patrícia Galvão – IBOPE, 2003.

Preocupação com AIDS diminuiu nos últimos 6 anos

Comparando-se os dados recentes com aqueles obtidos pelo IBOPE em outra pesquisa realizada em 1997, cresceu, nos últimos 6 anos, a preocupação com a violência sexual e doméstica contra as mulheres, assim como a preocupação com o câncer de mama e de útero.

Há diferenças nas listas apresentadas ao entrevistados no que se refere à questão da AIDS. Em 1997 constava da lista apenas o item “crescimento da AIDS entre as mulheres”. Nesta pesquisa foi acrescentado “o problema da AIDS”. A comparação deve considerar esse aspecto, pois há provável superposição de respostas (entrevistados escolheram três itens da lista).

Em 1997, 34% apontavam o crescimento da AIDS entre mulheres como um dos três principais problemas que mais preocupavam a mulher brasileira. Esta taxa caiu para 19% em 2003, mas, apesar da comparação imperfeita, há indicação de que o tema preocupa menos hoje do que há seis anos atrás.

As informações difundidas na mídia sugerem que a questão da AIDS pode parecer melhor equacionada, na medida em que há uma política de distribuição de medicamentos para tratamento da doença. A questão da AIDS pode também ter sido banalizada e perdido o impacto frente a outros problemas considerados mais graves. Ainda assim, como vimos na pergunta anterior, a preocupação com a AIDS está à frente da maioria das questões listadas.

Atualmente também são vistas como menos problemáticas as questões de contracepção, pois a preocupação com as formas de evitar filhos caiu de 15% em 1997 para 12% neste ano. Há queda também na preocupação com a questão de menores de rua e de deixar com outras pessoas os filhos para trabalhar.

Crescimento e queda, em todos os itens analisados, ocorreram tanto entre homens como entre as mulheres entrevistadas.

Pergunta: Destes itens quais os três que mais preocupam as mulheres brasileiras?

	1997	2003
<i>Base: amostra total</i>	(2.000)	(2.000)
	%	%
DOENÇAS COMO CÂNCER DE MAMA OU DE ÚTERO	36	48
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM CASA	42	46
VIOLÊNCIA / ASSÉDIO SEXUAL FORA DE CASA	27	31
AIDS		
O PROBLEMA DA AIDS	–	29
CRESCIMENTO DA AIDS ENTRE MULHERES	34	19
IGUALDADE DE SALÁRIOS ENTRE HOMENS E MULHERES	25	24
DEIXAR FILHOS PARA TRABALHAR FORA	33	20
TER UMA PROFISSÃO DA QUAL GOSTE	15	12
FORMAS DE EVITAR FILHOS	15	12
MENORES DE RUA	20	11
PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA POLÍTICA	11	9
LEGALIZAÇÃO DO ABORTO	11	8
DIVIDIR TAREFAS DOMÉSTICAS	5	5
DIREITO DO CONSUMIDOR	6	4
NÃO SABE / NÃO RESPONDEU	4	4

Fonte: Instituto Patrícia Galvão – IBOPE, 2003.

A maioria das mulheres não alterou seu comportamento frente ao risco da AIDS

Uma parcela importante de brasileiros não reagiu ao impacto da AIDS e suas conseqüências sobre a saúde pessoal e de seus parceiros.

O aumento da AIDS no país não alterou o comportamento de 41% dos homens e de 52% das mulheres. O aspecto que mais mudou – tanto para homens como para mulheres – foi a estratégia de reduzir o número de parceiros ou manter parcerias sexuais exclusivas, ou ainda exigir fidelidade. Pelo menos um destes três aspectos é mencionado por 38% dos entrevistados – 42% entre os homens e 32% entre as mulheres.

Apenas 19% das mulheres passaram a usar camisinha

O uso de camisinha, recomendação mais fortemente difundida em campanhas de comunicação, é adotado apenas por 28% dos entrevistados – 36% dos homens declaram que passaram a usar camisinha, enquanto apenas 19% das mulheres o fizeram.

Fica claro que as mulheres encontram maiores barreiras para exigir o uso da camisinha. Esta é uma brecha importante para a articulação de ações e de comunicação para melhorar a prontidão e o poder das mulheres para enfrentar o problema de fazer sexo desprotegidas. É dramático o fato de que 52% das mulheres e 41% dos homens declararam que nada mudou na sua vida frente ao aumento da AIDS no país. Trata-se, evidentemente, de uma questão cultural e de gênero.

Um aspecto positivo é que 26%, tanto de homens como de mulheres, buscaram mais informação e procuraram ler mais sobre a questão.

Pergunta: Com o aumento da AIDS no Brasil, você mudou ou não mudou alguma coisa na sua vida em relação a essa questão? Qual destas atitudes você deixou de fazer ou passou a fazer devido à preocupação com a AIDS?

	TOTAL	MULHERES	HOMENS
<i>Base: amostra total</i>	(2.000)	(1.039)	(961)
	%	%	%
REDUÇÃO E FIDELIDADE DE PARCEIROS	38	34	42
TEM UM SÓ PARCEIRO	21	19	23
REDUZIU NÚMERO DE PARCEIROS	6	3	10
EXIGE FIDELIDADE DO PARCEIRO	11	12	9
USO DE CAMISINHA	28	19	36
PASSOU A USAR CAMISINHA	23	16	30
USA CAMISINHA ÀS VEZES	5	3	6
PASSOU A FALAR E LER MAIS SOBRE AIDS	26	26	26
FAZ TESTE DE AIDS COM FREQUÊNCIA	4	4	4
NÃO TEM RELAÇÃO SEXUAL	2	1	4
NÃO MUDOU NADA	47	52	41
NÃO SABE / NÃO OPINOU	3	3	2

Fonte: Instituto Patrícia Galvão – IBOPE, 2003.

Uso de camisinha nos diferentes segmentos

Os jovens do sexo masculino são os que mais declaram o uso de camisinha. Por outro lado, os habitantes de pequenas cidades, os de baixa escolaridade, os entrevistados da região Sul e aqueles com idade acima de 50 anos são os que menos procuram a proteção da camisinha.

Atenção: entrevistados que se dizem menos informados são os que menos usam camisinha. Este dado fala a favor da necessidade de comunicação e de uma pedagogia mais sustentada ao longo do ano (não apenas nas campanhas de Carnaval) e através de vários canais de difusão.

USAM CAMISINHA, AINDA QUE DE VEZ EM QUANDO

	TOTAL
	%
TOTAL DA AMOSTRA	28
• Escolaridade	
MÉDIA E SUPERIOR	34
5ª a 8ª SÉRIES ENSINO FUNDAMENTAL	32
ATÉ 4ª SÉRIE ENSINO FUNDAMENTAL	19
• Renda familiar	
MAIS DE 10 SM	30
MAIS DE 5 A 10 SM	29
MAIS DE 2 A 5 SM	31
MAIS DE 1 A 2 SM	26
• Sexo	
MULHERES	19
HOMENS	36
• Idade	
16-24 ANOS	40
25-34 ANOS	38
35-49 ANOS	23
50 ANOS E MAIS	10
• Região	
SUL	21
SUDESTE	25
NORTE – CENTRO-OESTE	33
NORDESTE	34
• Condição do município	
CAPITAL	34
PERIFERIA	32
INTERIOR	24
• Porte do município	
MAIS DE 100 MIL ELEITORES	30
20 A 100 MIL ELEITORES	27
ATÉ 20 MIL ELEITORES	23
• Nível de informação sobre a AIDS	
BEM INFORMADA	30
INFORMADA	30
NÃO INFORMADA	16

Fonte: Instituto Patrícia Galvão – IBOPE, 2003.

Entrevistados concordam com a necessidade de prevenção, mas há dificuldades em adotá-la

A pesquisa mostra com clareza que a dificuldade de uso de preservativos não está ligada nem ao conhecimento dos perigos de transmissão e nem à falta de informação sobre a eficácia da camisinha.

Do total de entrevistados, 87% declaram que concordam com a opinião de que “para ter segurança de verdade é preciso usar sempre preservativo nas relações com parceiro fixo”.

Os entrevistados – tanto homens como mulheres – dizem estar a par do risco de se contaminar, mesmo com parceiros fixos: 91% concordam com a idéia de que “mesmo as mulheres casadas e aquelas que têm namorado fixo correm um alto risco de pegar AIDS porque seus parceiros mantêm outras relações que as mulheres desconhecem”.

Um dado esclarecedor é que 84% dos entrevistados, tanto homens como mulheres, concordam com a opinião de que “as mulheres não conseguem convencer os maridos e parceiros a usar sempre camisinha”. A reconhecida resistência dos homens ao uso do preservativo deixa as mulheres mais vulneráveis neste contexto.

CONCORDAM TOTAL OU PARCIALMENTE

	TOTAL	MULHERES	HOMENS
	%	%	%
Mesmo as mulheres casadas, e aquelas que têm namorado fixo, correm um alto risco de pegar AIDS porque os parceiros mantêm outras relações que as mulheres desconhecem	91	92	89
As mulheres não conseguem convencer os maridos e parceiros a usar sempre camisinha	84	85	82
Para se ter segurança de verdade, é preciso usar sempre preservativo nas relações com parceiro fixo	87	90	84

Fonte: Instituto Patrícia Galvão – IBOPE, 2003.

A maioria se declara mal informada e com muitas dúvidas sobre AIDS

A maioria (53%) se diz mal informada e com muitas dúvidas em relação à questão da AIDS. A percepção de desinformação é maior (65%) entre brasileiros com menos de 4 anos de estudo ou analfabetos, assim como para 67% dos moradores da região Nordeste e 64% dos moradores de pequenas cidades, com menos de 20 mil eleitores. Neste aspecto não há diferenças significativas na percepção de homens e mulheres.

Em contrapartida, 47% dos entrevistados dizem-se bem informados, sobretudo aqueles com escolaridade superior (78%) e moradores da região Sudeste do país (55%).

Rádio e TV são mais valorizados para se obter informações sobre AIDS

A preferência pela divulgação de informações sobre AIDS em campanhas na TV e no rádio é absolutamente dominante, tanto no total da amostra (66%) como nos vários segmentos de entrevistados. Não só são mídias mais acessíveis, de audiência regular por parte dos entrevistados, mas provavelmente vistas como pedagogicamente mais leves e persuasivas.

Apenas 27% mencionam campanhas de Carnaval, sugerindo que sua difusão é pouco sustentada, limitando-se a um breve período.

40% dos entrevistados mencionam atividades nas escolas e 40% referem-se a postos de saúde, que são redes institucionais que permitem a coordenação de campanhas e a disseminação de informações.

Outras formas de difusão são mencionadas por cerca de 30% dos entrevistados, como conversas entre amigos/família e entrevistas de especialistas na mídia.

Na visão dos entrevistados, folhetos e imprensa têm papel muito periférico como espaços para se obter informações sobre a AIDS.

Pergunta: Quais, na sua opinião, são os lugares mais importantes para se obter informações sobre AIDS? (3 escolhas)

	TOTAL	SEXO		GRAU DE INSTRUÇÃO		
		MULHERES	HOMENS	Até 4 ^a série	5 ^a -8 ^a série	Ensino médio/superior
	%	%	%	%	%	%
CAMPANHA NO RÁDIO E TV	66	61	72	68	67	64
ATIVIDADES NAS ESCOLAS	40	43	37	33	39	51
POSTOS DE SAÚDE	40	44	36	44	40	36
CONVERSA NA FAMÍLIA E ENTRE AMIGOS	34	35	34	31	38	36
ENTREVISTA NA MÍDIA DE MÉDICOS E ESPECIALISTAS	28	31	26	21	28	37
CAMPANHAS NO CARNAVAL	27	25	29	21	35	28
PALESTRAS EM ASSOCIAÇÕES DE BAIROS ETC.	20	20	20	14	21	25
REVISTAS, JORNAIS, FOLHETOS	1	1	1	1	1	1

- Nenhum / não sabe: 3%

Fonte: Instituto Patrícia Galvão – IBOPE, 2003.

UNIFEM

O Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) dá apoio financeiro e assistência técnica a programas e estratégias que promovam os direitos humanos, a participação política e a segurança econômica das mulheres.

Programa de direitos humanos, gênero e HIV/AIDS

Para o UNIFEM, o empoderamento da mulher é uma das únicas vacinas disponíveis contra o HIV/AIDS. Para colocar as dimensões de gênero e os direitos humanos relacionados à epidemia no centro das estratégias e políticas, o UNIFEM lançou um programa para reforçar a capacidade de pessoas e organizações visando a revisão das leis e políticas públicas relacionadas à prevenção, assistência e tratamento do HIV/AIDS, para que se assegure a igualdade de gênero. Além disso, o UNIFEM está colaborando com os conselhos de saúde e formuladores/as de políticas para que aumentem sua compreensão do impacto do HIV/AIDS sobre as mulheres. Em nível comunitário, o UNIFEM trabalha pela igualdade entre homens e mulheres, em um esforço para reduzir os índices de prevalência do HIV/AIDS e transformar as relações de gênero.

O que é o Instituto Patrícia Galvão

O Instituto Patrícia Galvão – Comunicação e Mídia, fundado em 2000, é uma entidade civil sem fins lucrativos. Entre seus principais objetivos, o Patrícia Galvão visa colaborar para a construção de uma imagem de mulher na mídia que seja mais adequada à realidade das brasileiras e que reflita o crescente reconhecimento dos direitos humanos das mulheres.

Mais informações: Instituto Patrícia Galvão

(11) 3889.7928

ipgalvao@uol.com.br